



Dulce Maria Cardoso
tudo
são histórias
de amor

RIO DE JANEIRO
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

sumário

Em busca d'eus desconhecidos.....	7
Este azul que nos cerca.....	23
Chubby Bunny.....	51
A biblioteca.....	57
Não esquecerás.....	71
E desde então não morri.....	79
A mosca e o copo de vinho rosé.....	89
Iguais.....	99
Tudo são histórias de amor.....	111
Ulmeiros.....	129
Coisas que acarinho e me morrem	
entre os dedos.....	137
Desaparecida, ou a Justiça.....	151
Os anjos por dentro.....	167
Humal.....	179
Pânico.....	189
A concubina.....	197
O coração do meu mundo, ou o papagaio	
que gostava de bolos de arroz.....	203
Retrato de um jovem poeta.....	225
Autobiografia, ou a história de um crime	
premeditado.....	239

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil

© Dulce Maria Cardoso, 2017

Rua Ataulfo de Paiva, 245, 4.º andar
Leblon, 22440-033 RJ
Tel. (00351) 21 726 90 28
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt/brasil

1.ª edição: março de 2017

Edição: Tinta-da-china Brasil

Revisão: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

C268t Cardoso, Dulce Maria
Tudo são histórias de amor / Dulce Maria Cardoso — 1.ed. —
Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017.
248 pp.; 20 cm

isb n 978-85-65500-28-9

1. Literatura portuguesa
I. Título.

CDD P869
CDU 821.134.3

EDIÇÃO APOIADA POR
DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS /
MINISTÉRIO DA CULTURA — PORTUGAL
INSTITUTO CAMÕES DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA



em busca d'eu desconhecidos

Durante muito tempo, fumei. Quando era pequena — tão pequena que ainda não andava na escola — e me perguntavam

— O que queres ser quando fores grande?
respondia

— Fumadola.

Riam-se. Estava habituada a que se rissem porque falava mal. Só mais tarde percebi que naquele caso se riam da minha vocação.

— Queres ser o quê?

— Fumadola.

O meu pai fumava e eu queria ser como ele. Gostava tanto do meu pai. Era belo, bom e poderoso. E ainda o era mais quando fumava. Sabia fumar, o meu pai. Se eu fechava os olhos e pensava

— Pai.

via-o invariavelmente a fumar. Continuo a vê-lo fumar quando fecho os olhos. E já passaram onze anos desde que morreu.

Não havia qualquer dúvida sobre a minha decisão: quando fosse grande seria fumadora. Para ser bela, boa e poderosa. No meu entendimento de criança, estava convencida de que somos aquilo que mostramos. Ou que mostramos aquilo que somos. Como se existisse um código corporal e gestual de fácil compreensão que permitisse a qualquer pessoa saber, sem engano, aquilo que os outros são. Nesse código, fumar com a elegância com que o meu pai o fazia significava ser-se bom e poderoso. Fumar com aquela beleza nos gestos tinha de ser a síntese da bondade e do poder. Não me espantava nada que no sétimo dia Deus tivesse puxado de um cigarro e, encostado à ombreira do mundo, de olhos semicerrados por causa do fumo, se tivesse deixado ficar a contemplar a sua criação, o cigarro a desaparecer em fanicos de cinza. Deus encostado à ombreira do mundo, a fumar como o meu pai aos domingos de manhã, encostado à ombreira da porta da cozinha, a ver-me brincar no quintal por entre o mamoeiro e o sape-sape, o meu pai via a pressa com que eu crescia para ser

— Fumadola.

E todos se riam. Por causa do meu desvio fonológico, pensava eu. O resto estava certo. Tão certo que não me importava que insistissem

— O que queres ser quando fores grande?

Acreditava que a pergunta continha uma promessa extraordinária, a promessa de que eu poderia escolher o que queria ser. Sem qualquer limitação. Aquela pergunta significava que eu podia construir-

-me de acordo com a minha vontade e de acordo com a minha vontade a minha vida seria uma sucessão de aventuras fascinantes que acabariam sempre bem. Não sabia que nunca teria informação suficiente que garantisse que as minhas escolhas seriam as mais acertadas, mas ainda que soubesse não me preocuparia. O futuro era eterno e generoso e eu iria sempre a tempo de corrigir qualquer erro. Mas não haveria erro. Não tinha dúvida alguma

— Fumadola.

Fumar — ou o gesto de fumar — não só me definia no futuro como me transportava para esse tão desejado futuro. Há gestos que têm ou ganham esse poder. São gestos-gatilhos que nos permitem partir em busca de passados perdidos ou de futuros por haver. Quando tinha o sonho de ser fumadora, o meu passado era quase nada. Tinha vivido ainda tão pouco que era sempre para o futuro que eu partia.

Tudo isto era mais pressentido do que sentido. Nesse tempo, a intuição ainda não tinha sido domesticada pela razão e governava — ou desgovernava — quase em exclusivo o que eu era. Seja como for, acreditei, desde muito nova, que podia construir-me.

E fui-me construindo ao longo dos anos. Fui, pelo menos, mudando.

A verdade é que a mudança aconteceu muitas vezes sem que eu quisesse ou sem que eu controlasse a direcção que tomava. A mudança foi acontecendo quase sempre devagar, com o novo eu a empurrar lentamente o antigo até lhe tomar o lugar. Uma vez ou

Dulce Maria Cardoso nasceu em 1964, em Trás-os-Montes. Foi aos seis meses para Luanda, de onde regressou na ponte aérea de 1975, em virtude da descolonização e do início da guerra civil em Angola.

Formou-se em Direito e exerceu advocacia.

Seu primeiro romance, *Campo de sangue* (2001), foi escrito na sequência de uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura português e recebeu o Grande Prêmio Acontece. Desde então publicou, em Portugal, os romances *Os meus sentimentos* (2005), Prêmio da União Europeia para a Literatura, e *O chão dos pardais* (2009), Prêmio Pen Club, e *O retorno*, Livro do Ano 2011 e Prêmio Especial da Crítica, bem como as antologias de contos *Até nós* (2008) e *Tudo são histórias de amor* (2014).

A sua obra foi editada em uma dezena de países, é estudada em diversas universidades e estão em curso propostas de adaptação cinematográfica de alguns dos seus contos e romances.

No Brasil, publicou os romances *Os meus sentimentos* e *O retorno*, livro do ano em 2012 (*O globo*). Esta edição acrescenta sete novos contos à versão portuguesa.

tudo são
histórias de amor

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Geográfica, em papel Pólen
Soft de 80 gramas, em fevereiro
de 2017.